

COLETE ENCARNADO

VILA FRANCA DE XIRA

R.E.V.I.S.T.A

90 ANOS
1932 - 2022

1.2.3
JULHO
2022

Toda a programação



APOIOS



COLETE ENCARNADO

VILA FRANCA DE XIRA

PROGRAMA

ESPETÁCULOS TAURINOS

ESPERAS DE TOIROS

seguidas de largadas RUAS DA CIDADE

SEXTA-FEIRA

1 DE JULHO 18h00

SÁBADO

2 DE JULHO 18h30

DOMINGO

3 DE JULHO 10h00

COM PASSAGEM DE TOIROS E CAMPINOS PELA PONTE MARECHAL CARMONA

TRANSMISSÃO EM DIRETO NO PALCO DA AV. PEDRO VICTOR

SÁBADO LARGO 5 DE OUTUBRO

2 DE JULHO 10h30

CORRIDA DE CAMPINOS

DOMINGO PRAÇA DE TOUROS PALHA BLANCO

3 DE JULHO 02h00

GARRAIADA DA SARDINHA ASSADA

3 DE JULHO 18h00

CORRIDA DE TOIROS

COLETE ENCARNADO | REVISTA

PROPRIEDADE Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

DIREÇÃO Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
[PRESIDENTE Fernando Paulo Ferreira]

EDIÇÃO Câmara Municipal de Vila Franca de Xira [Divisão de Turismo
e Dinamização do Comércio e Divisão de Comunicação, Protocolo
e Relações Internacionais]

DESIGN E PAGINAÇÃO Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
[Divisão de Comunicação, Protocolo e Relações Internacionais, Patrícia Victorino]

IMPRESSÃO Smile Comunicação

TIRAGEM 4000 exemplares

Distribuição gratuita / junho de 2022

GRANDES CONCERTOS

Palco Av. Pedro Victor

1 DE JULHO

SEXTA-FEIRA 22h30



**Expensive
Soul**



**Quim
Barreiros**



**DJ
John Goulart**

2 DE JULHO

SÁBADO 22h00



**António
Zambujo**



**Lucky
Duckies**



**Djs Rich
& Mendes
(RFM)**

3 DE JULHO

DOMINGO 22h00



**Carminho
Fadistas de Vila
Franca de Xira**



PRESIDENTE
DA CÂMARA
MUNICIPAL
DE VILA
FRANCA
DE XIRA

FERNANDO
PAULO
FERREIRA

O Colete Encarnado está de volta!

A edição de 2022 do Colete Encarnado reveste-se de um importante significado histórico por tudo aquilo que simboliza. Queremos festejar o regresso após a pandemia da Covid-19 e celebrar em comunidade o seu 90.º aniversário. Por isso mesmo, com o valoroso trabalho e contributo de Associações, Tertúlias e da sociedade civil, apresentámos o conceito inédito: “Colete Encarnado 2022: 90 anos, 90 dias, 90 horas”.

De abril a julho vivemos três meses intensos de festa na Cidade e não só, com um vasto programa de colóquios, iniciativas culturais, demonstrações de toureio e da arte de pegar toiros, e animação musical em centenas de iniciativas para todos os gostos, destinadas a toda a família.

Esta oferta cultural resultou de uma parceria de larga escala com várias entidades da sociedade civil: a Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, as Tertúlias do Concelho, o Clube Taurino, o Clube Vilafranquense, o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, a Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, a Associação de Tertúlias Tauromáquicas de Vila Franca de Xira, o Ateneu Artístico Vilafranquense, a Escola de Toureio José Falcão, a Tauroleve, a Paróquia de Vila Franca de Xira, a Comissão de Festas do Sr. Jesus da Boa Morte, a Sevilhanas.Com, a Associação Humanitária dos Bombeiros de Vila Franca de Xira, entre outras.

Além destes 90 dias de comemorações, decidimos começar o tradicional fim de semana do Colete Encarnado logo na quinta-feira, dia 30 de junho.

Esta Festa, que se orgulha de ser uma das maiores e mais emblemáticas do Ribatejo, atrai milhares de pessoas às ruas de Vila Franca de Xira, com um programa cultural abrangente e eclético, aberto a todos os gostos e experiências.

Nesta edição, além dos palcos habituais, apresentamos uma nova infraestrutura na

Avenida Combatentes da Grande Guerra, que se distingue pelo conceito inovador de “Tapas Street Food by Sevilhanas.come”, logo a partir da noite de Quinta-feira.

A hospitalidade do Movimento Tertuliano constitui também uma forte marca do Colete Encarnado, pois cada espaço proporciona diferentes vivências e ambientes.

O Campino – a figura principal do evento – volta a ser reconhecido pela sua nobre profissão do campo e pelo papel determinante que desempenha na Festa e nas tradições, trazendo o campo à cidade, destacando-se o seu contributo para a distinção da Festa do Colete Encarnado como uma das “7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa”.

Sábado, às 10h00, decorre a tradicional deposição de Coroa de Flores junto ao Monumento ao Campino. Nessa mesma tarde, no momento mais marcante do Colete Encarnado, realizamos a Homenagem ao Campino, que reúne no Largo da Câmara Municipal dezenas de campinos.

Para eternizar este 90.º aniversário, realizamos uma das maiores pretensões da afição do Concelho de Vila Franca de Xira: no dia 3 de julho, às 10h00, a tradicional espera de toiros da manhã de Domingo iniciar-se-á na outra margem do Rio Tejo com a Passagem de Toiros e Campinos pela Ponte Marechal Carmona, naquele que será certamente um momento único na história recente do Colete Encarnado, aproveitando a comemoração dos 70 anos da Ponte Marechal Carmona.

Sentimos que o Colete Encarnado 2022 decorrerá perante um contexto social no mundo, no país e no Concelho em que todos desejamos cada vez mais recuperar as festividades populares e reunir a família e os amigos. Todos queremos ter a alegria de poder voltar a celebrar, juntos, a nossa grande festa.

Vamos a isso!



O GOSTO E O BRIO TORNARAM-NO RECONHECIDO

JOAQUIM SALVATERRA DE OPERÁRIO FABRIL A CAMPINO

Entrou na profissão apenas com perto de 40 anos e muitos duvidaram que vingasse. Chegou a trabalhar no campo ainda muito jovem, mas o seu percurso profissional fez-se muitos anos como operário fabril em diversas empresas. Até que um dia, farto das exigências do ofício e achando que era mal pago, decidiu deixar as fábricas e mudar de vida.

Do Montijo regressou à terra natal, Santo Estevão, e começa a limpar sobreiros na Companhia das Lezírias. Com colegas que “mangavam” com ele, viu que ainda não era ali que ia ficar.

Pensou então pedir para guardar vacas na Sociedade Pecuária de Santo Estevão. Nesse momento o patrão confrontou-o: “Então um menino das fábricas do Montijo agora quer ir guardar vacas?”. Joaquim Salvaterra estava decidido e quis mesmo avançar.

Mas recorda as dúvidas e os comentários de pessoas conhecidas: “Só vai a casa de 8 em 8 dias; de 15 em 15 dias; ali anda sozinho...” ou “Queres guardar gado porque não queres trabalhar! Queres matar formigas com as costas!”.

O facto é que Joaquim Salvaterra não os ouviu. “Ganhei aquela ideia, aquela vida, fui um vício que eu ganhei. Em rapaz pequeno guardei cabras e ovelhas pela Charneca, mas isto era diferente!”

Aprendizagem e percurso

Começa aí o seu percurso e aprendizagem na lide com o gado bravo. A verdade é que ganhou gosto e jeito pela profissão e trabalhou para diversos patrões. Entre eles estão os Oliveiras, onde trabalhou à jorna, ou a casa de Manuel César Rodrigues, de Alhandra. Aqui era maioral das vacas bravas

Joaquim Salvaterra “passou muito” para chegar ao reconhecimento dos pares de profissão. Grande parte dos primeiros anos de vida adulta trabalhou em fábricas e só perto dos 40 anos se tornou campino. O gosto que ganhou ao ofício, aliados ao brío e força de vontade, fizeram-no ultrapassar todas as vicissitudes. Aos 87 anos, será o homenageado nos 90 anos do Colete Encarnado.

e recorda o trabalho com “um campino bom, o Maximiano, que era maioral dos toiros”. Lembra-se bem dos tempos em que trabalhou pelos campos de Vila Franca, que partilhou com outro companheiro de profissão, “o Luís Carranca, Maioral dos Toiros do Toureiro Manuel dos Santos”.

Quando chegou o “25 de Abril” trabalhava em Santarém, como maioral de éguas, de José da Silva Lico. Foi onde permaneceu mais tempo na sua carreira. “Gostava muito de lá. Botões de ouro na camisa branca, com o cavaleiro castanho russo e ala para as festas do Ribatejo!”, enfatiza com um misto de alegria e nostalgia.

Trabalhou também para a casa Prudêncio, em Almeirim, onde era maioral das vacas.

A última casa em que esteve ao serviço foi a Herdade de Camarate, onde permaneceu durante quatro anos, até à reforma, aos 67.

O percurso foi-se fazendo naturalmente, de maioral das éguas, a maioral das vacas até ao trabalho com os toiros. E um dia chega a hora de os lidar em praça.

Ao início não foi fácil, mas a vontade falou mais alto e superou todas

as dificuldades. Dos primeiros tempos recorda: “Eu quando comecei a trabalhar na praça com os toiros foi com o Maximiano, de Samora Correia. Ele dizia para mim: “Ó Joa-

**“Em praça,
deixar o coração
em casa!”**

quim, olha que a gente, para este serviço, tem de deixar o coração em casa! Se vem para aqui e ganha medo... “Eu, ao princípio tinha medo. Ir para dentro de uma arena com os toiros e os cabrestos, tinha medo. Fui-me habituando, habituando, habituando... Dizia o Feitor assim: “Então o Joaquim, portou-se bem?” Portou-se bem. Se ele continuar vai bem... e assim foi!”

Fê-lo em diversas localidades como Vila Franca de Xira (pelo Colete Encarnado), Almeirim, Coruche ou Montijo. Recolheu ainda toiros na Póvoa do Varzim, “com o velhote chamado Manuel Sabino”,

e também no Algarve “no lugar do Campino José Canário”.

Joaquim Salvaterra explica que lidar com as vacas e lidar com os toiros tem as suas exigências próprias.

“Com as vacas, elas têm os bezeros e é preciso pôr-lhes os brincos com o número da mãe, para mais tarde se saber de quem é o filho. Eu fazia isso sozinho na charneca... com todo o cuidado, mas fazia. Uma vez vi-me em apuros quando uma mãe veio ver o que se passava com o filho e tive de me esconder para ela não me dar uma tareia. Se me apanhasse, matava-me!”

Reconhece que, no campo, acaba por ser mais simples lidar com toiros. “Eles conhecem quem trata deles, quem lhes dá comida e não há problemas nenhuns. Se aparece alguém que eles não conhecem, notam logo. Mas mais depressa

brigam e marram uns nos outros. Quando é para os enjaular, também quanto menos pessoas, melhor.”

Já em praça, os cuidados com os toiros são bem maiores. Recorda um

“Tomar conta das vacas bravas é muito diferente de tomar conta de toiros”

episódio com um toiro que não queria ir para os curros, depois de uma corrida, tendo de intervir: “depois de lhe dar com a vara, ele volta-se para trás e veio direito a mim. Deu-me uma marrada que passei para o

lado de lá da teia e fui parar aos pés do David Ribeiro Telles: “Ó Joaquim, por esta não esperavas, hein?”

E remata: “No campo nunca tive problemas. Estar em praça e na rua para os recolher é o grande desafio”.

O reconhecimento e a saudade

Depois de começar tardiamente na profissão e com muitos a duvidar que conseguisse, ao fim de 30 anos sente que ganhou o respeito e reconhecimento de muitos dos colegas. “Maximiano, Luís Carranca, Canário, Café, Joaquim Isidro... e outros de que não recordo o nome. O Maximiano chegou a dizer “No início, tinha medo, mas depois perdeu o medo e fazia isto à vontade”, recorda com satisfação.

Tem consciência de se ter tornado um bom campino, de saber montar e lembra-se de um cavalo em





Ferro de "Herdade de Camarate" – última casa em que trabalhou

particular, o Diamante. “Em Alcochete, num cavalinho branco, o Diamante, só lhe faltava falar”. Emocionado, refere que fez com ele grandes figuras na recolha de toiros. “Nesse cavalinho fiz coisas de admirar”.

Homenagem pelo Colete Encarnado

Na preparação desta reportagem, fizemos questão de o levar de volta ao campo, ao contacto com os cavalos e os toiros. Joaquim Salvaterra também cuidou de se apresentar a rigor. Visivelmente emocionado por regressar a este ambiente, foi com nostalgia que sublinhou que após a reforma “nunca mais tinha vestido esta farda. Há 20 anos...”. E refere que gostava de a entregar a quem queira ser campino.

As saudades falaram alto quando surge o cavalo para as fotos. Os olhos brilham: “Ai que lindo cavalinho. Agora até me punha em cima dele!” A prudência ditou que não o fizesse, mas foi um momento de grande alegria.

O seu percurso na campinagem deixa-lhe boas recordações que refere nunca esquecer, e que guarda com orgulho. Em jeito de balanço sublinha: “Passei muito para chegar onde estou”, mas acredita que se saiu bem, “tanto que o Maximiano dizia: “O Joaquim nasceu para isto.”

Já foi homenageado em Alcochete, Samora Correia e Azambuja. Agora sê-lo-á em Vila Franca de Xira. Está certo de que este será “um dia feliz”!

Texto: Susana Santos
Fotografia: Vitor Cartaxo





JOSÉ VAN-ZELLER PEREIRA PALHA

FUNDADOR DO “COLETE ENCARNADO” ERA UM APAIXONADO POR VILA FRANCA

José Van-Zeller Pereira Palha (1895-1978) foi uma figura proeminente de Vila Franca de Xira, com uma vida fortemente dedicada ao território e à comunidade. Para além de um dos mais conceituados lavradores da região, foi presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, entre julho de 1934 e abril de 1945, depois de passar pela vereação, entre outubro de 1932 e julho de 1934.

Na vida cívica foi também muito ativo, exercendo vários cargos no universo associativo. Num texto de 1998, Maria Teresa Pereira Palha, sua filha, refere que o pai “presidiu à Assembleia Geral e Direção dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, foi sócio honorífico do Ateneu Artístico Vilafranquense, colectividade que muito estimava, presidiu também à Associação Fraternal dos Artistas Vilafranquenses e foi um excepcional articulista do jornal *Vida Ribatejana*”. Na Associação Fraternal dos Artistas Vilafranquenses deu continuidade ao trabalho do pai no que respeita à promoção da aprendizagem primária para os trabalhadores da lezíria.

Interesse pela arte e pelo campo levaram-no ao “Colete Encarnado”

Tinha enorme interesse e paixão pela arte. De acordo com declarações do seu neto, José da Cunha Pereira Palha, em 2013, à revista municipal do “Colete Encarnado”, também essa é uma das mais marcantes facetas da sua personalidade. Menciona as conhecidas coleções de fotografia que detinha, muitas delas de inspiração campestre. “Era um homem que se apaixonava pela arte e pela natureza e que depois transformava em fotografia e tinha grandes recordações disso”, lembrou o neto.

Na gestão da Casa Agrícola e Ganadaria “Palha” tinha por hábito ir ao campo para acompanhar diretamente o trabalho dos campinos e conviver com eles. Desta atividade terá nascido a ideia de lhes dedicar uma festa. O próprio o relata numa entrevista ao jornal “*Vida Ribatejana*”, datada de 1971: “O ambiente da lezíria, com todos os seus atrativos, seduziu-me sempre. Por isso grande parte da minha vida passei por lá em convivência cons-

tante com campinos (...) e um dia nessas minhas andanças (...) observando tudo quanto à minha volta havia e se passava, acudiu-me ao pensamento a ideia de organizar uma grande festa na qual fosse bem posta em foco a figura ímpar do campino. Para tanto não faltavam os elementos necessários. E convencido desta verdade, meti mãos à obra. Festa do Colete Encarnado pareceu-me o nome mais próprio e mais sugestivo que devia de ser dado. (...) E assim aconteceu. Em junho de 1932, quando teve início a festa, Vila Franca viu desfilar nas ruas, e pela primeira vez, um tão grande número de campinos. Eram, ao todo, sessenta ...”. Os campinos que desfilaram pertenciam à sua própria casa agrícola, mas também da Companhia das Lezírias e de casas do Ribatejo inteiro. O seu neto, José Pereira Palha, considerava, na entrevista concedida em 2013, que não terá sido difícil convencer os vários lavradores a deixar participar os seus campinos porque consideraram a festa bonita e merecida.

Apesar de ter tido a ideia, José Van-Zeller Pereira Palha sempre fez questão de afirmar que não fez a festa sozinho. Ao mesmo jornal sublinhou, em entrevista que

“os principais colaboradores nas primeiras festas foram: Vila Franca em si própria, com todo o seu casticismo, o Fausto Dias e o seu jornal “*Vida Ribatejana*”, Júlio Pelouro, Raul de Carvalho, Capitão

Zé Maria Guedes, Rudolfo dos Santos e Noel Perdigão, entre outros.” O objetivo da primeira festividade foi angariar fundos para os Bombeiros.

Outros contributos para a comunidade

A José Van-Zeller Pereira Palha atribui-se ainda a realização de uma reputada Feira de Gado e Máquinas Agrícolas nos anos 1928 e 1930 em Vila Franca de Xira; um forte contributo para a construção da Ponte Marechal Carmona, nomeadamente pela sua relação de grande proximidade com o primeiro-ministro António de Oliveira Salazar; melhorias e fixação do nome de “Constantino Palha” à Avenida que corresponde ao atual Jardim de Vila Franca de Xira (em homenagem a seu pai, também muito querido pela população), e ainda o contrato de abastecimento de água potável no Concelho, no ano de 1945.



José Van-Zeller Pereira Palha

Amigo de todos, comunicativo e com senso de humor

Sobre o fundador do Colete Encarnado, o neto recordava ainda: “Tinha uma cultura fora do normal, com uma vivência social e artística extraordinária. Do político mais alto ao político mais baixo, do cigano ao varino, era uma pessoa que recebia toda a gente em casa, e todos da mesma forma. Não havia qualquer distinção nas amizades dele.”

Acreditava que o avô haveria de gostar do Colete Encarnado de hoje, porque também ele tinha passado por mudanças e evoluções sociais, mas havia algo a não esquecer: “É que à evolução não lhe pode faltar educação”.

Sobre a personalidade de José Van-Zeller Pereira Palha, o neto contava ainda: “Era uma pessoa muito comunicativa. Tinha uma faceta engraçada: um senso de humor muitas vezes sarcástico, mas sem nunca ofender. Era muito bem-humorado, mas de vez em quando dava uma alfinetada, sempre com o maior respeito por toda a gente. Não deixava de dizer o que tinha para dizer, mas sem chegar ao ponto da pessoa ficar ofendida, e ainda ter que se rir, pela forma como ele dizia.”

Texto: Susana Santos

Fotografia: Espólio do Museu Municipal de Vila Franca de Xira

TI ZÉ MOLEIRO

JOSÉ CARLOS SEMEADOR

DISTINGUIDO
COM PAMPILHO
DE HONRA

Nascido em Benavente a 4 de setembro de 1933, o filho de Maria Perpétua e António Moleiro foi batizado de José Carlos Semeador, mas viria, toda a vida, a ser mais conhecido por José Moleiro. Cedo trocou as sebatas pelos campos. Na contingência de contribuir para o sustento da família, cuja prole contava com mais quatro, começou, aos sete anos, pelos trabalhos rurais, a guardar éguas e vacas na propriedade do Sr. Sete Saias. Conheceu e aprendeu todos os trabalhos do campo e aos 11 anos foi para a Casa de Rafael Calado, na Herdade Monte da Saúde (Benavente), para ajuda de maioral dos toiros.

Mais tarde integrou a Casa Agrícola Quinta da Foz de Benavente (Herdade da Foz) para a monda do arroz e outros trabalhos agrícolas, até fazer um interregno para cumprir o serviço militar obrigatório. Assentou praça em Évora e, no regresso, voltou para trabalhar à jorna ficando, posteriormente, nas funções de cocheiro. Passados sete anos rumou à Casa Conde da Ribeira Grande (Rio Maior), para maioral de vacas, onde permaneceu por dois anos. Após este período tornou à Foz como maioral de gado bravo, onde se enraizou e, até ao final, deu o seu contributo. Representou esta Casa nas mais afamadas praças de toiros do País, bem como além fronteiras (como Espanha e França) recolhendo as corridas do seu ferro, mas também de outras ganadarias de renome.

Nos 90 anos de Colete Encarnado evocamos, numa sentida homenagem póstuma, um profissional de referência: José Carlos Semeador será o nome inscrito no Pampilho de Honra empunhado nos Paços do Município.



Pelo meio, numa das ocupações na sua juventude, na apanha da azeitona, tomou-se de amores por Maria Constantina com quem, sem hesitações e aos 22 anos, se veio a casar. Não tardou o seu único descendente, a quem deu o seu nome, José, que, embora mais ligado às máquinas, leia-se, aos tratores e à faina do campo, também herdou o gosto pelos cavalos e pela cultura tauromáquica com tudo o que nela encerra. Explica-nos o filho do homenageado que os seus filhos não estão ligados a esta vida mas o seu neto (bisneto do Pampilho de Honra) “tem o bichinho”, gosta de montar e pede para marcar presença nas festas tradicionais, onde o encontro entre cavalo, toiro e homem, nestes momentos trajado de festa, compõem algo que o encanta.

Os da “velha guarda”

Viveu os tempos árdus deste ofício, em que o dia tinha início antes do sol nascer e o término era definido pela conclusão de todas as tarefas inerentes ao tratamento do gado. Com noites dormidas no campo quando, na inexistência de vedações, era necessária vigília constante, dedicou a sua vida ao campo e a chegar à mestria no maneio do gado. A vinda a casa servia para aviar o alforge e poder voltar à lida. Sem folgas e à moda antiga, na charneca ou na praça

a lidar com a bravura, o seu percurso foi feito de preceito e brio ou não fosse dos que são, reconhecidamente, da “velha guarda”. Trabalhou com nomes incontornáveis da campinagem como Pedro Artilheiro, António Foguete, os Preceito (João e Joaquim) e outros da sua época. A transumância, o aparte, o enjaulamento do gado já não tinham segredos para este campino. Carinhosamente tratado por “Ti Zé Moleiro” gostava, igualmente, de estar com os mais novos, os quais, entusiasmados, aproveitavam para absorver os ensinamentos de quem abraçou o ofício desde a meninice.

Superação foi a sua própria palavra de ordem

A emoção e as saudades toldam a memória a José, filho do Pampilho de Honra, quando tenta resgatar episódios do seu pai em vida, mas sublinha sobre as peculiaridades de ser campino, que sustos e “voltaretas”, quedas, são bastante prováveis. Recorda um episódio que o próprio contava sobre a sua infância: traquina e com ansiedade de ser campino “à séria” teve o arrojo de se esconder junto à comporta, esperando os animais passarem e de acometer uma varada. Saiu-lhe mal e levou o primeiro “piparote”, caindo de costas numa vala, contudo, sem consequências maiores.

Entre várias peripécias e percalços, próprios de quem trabalha com o imprevisível intrínseco aos animais, José



José, filho de José Carlos Semeador



**José recorda
a montada
de grande
estimação do
pai, o “Baloicho”,
um Russo baio
e, já nos últimos
tempos, a
“Romaria”.**



Arquivo Fotográfico 2007

Moleiro sofreu um acidente marcante com uma grave seqüela. Num dos treinos dos Forcados Amadores do Ribatejo, para o qual tinha apartado uma boa rês, tudo correu bem até ir recolhê-la para os currais. Inesperadamente arrancou na sua direção e José Moleiro foi colhido de forma violenta, levando-o a perder uma vista. Decorridas cinco delicadas operações e um sério período de recuperação, a superação foi a palavra de ordem. Nada o fez desistir do seu ofício. Aos 58 anos tinha força, vontade e, sobretudo, uma paixão arrebatadora pelo seu trabalho. Voltou aos campos e continuaram as suas participações nas festas, nas provas de perícia, de condução de cabrestos e nas corridas de campinos onde, revela o seu filho, era bastante aguerrido e competitivo, até de poucas palavras. Após a prova acabar, depois, sim, voltava o amigo e companheiro diz, relembrando com um sorriso, este traço da sua personalidade. A família temeu pela sua segurança mas não o conseguiria impedir de voltar a montar e privá-lo dos seus companheiros de sempre, os cavalos. José recorda a montada de grande estimação do pai, o “Baloioço”, um Russo baio e, já nos últimos tempos, a “Romaria”.

Passados alguns anos do episódio mais grave, um problema cardiovascular pregou-lhe um valente susto

quando um dia tratava de dar a ração aos animais. Interpretou como um sério aviso para abrandar o ritmo. Embora recuperado, a reforma impôs-se aos 66 anos. No entanto, tal não o impediu de, por gosto, pontualmente, rumar à Foz para montar e participar, pela Casa, nas festas da região. Dizia, numa entrevista em 2011, que seria “campino até morrer”, no trajar e no saber, todos dizem.

Entretanto, a idade trouxe sinais da doença de Alzheimer, que lhe foram diminuindo as capacidades e que, aliados a crescentes debilidades, deixaram que uma broncopneumonia ditasse o fim. A 13 de março de 2019, aos 86 anos, partiu um homem de reconhecida conduta respeitosa, com a qual envergou os ferros que representou no seu percurso.

Para memória futura

Foi distinguido nas maiores e mais carismáticas festas da Região pelas suas inúmeras participações e por escolha dos seus pares de ofício, como em Samora Correia em 2011, na Feira de Maio, em Azambuja, em 2012 ou em Benavente em 2016. Homenageado em vida, em Vila Franca de Xira, no ano de 1997, a família confirma sentir, novamente, um imenso orgulho neste tributo. Num momento repleto de simbolismo e acrescida emoção acompanhará as palmas ao Bisavô, Avô, Pai e ao Campino que honrou a preceito a tradição desta figura ímpar.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotografia: espólio gentilmente cedido pela família de José Carlos Semeador | João Machado

Dizia, numa entrevista em 2011, que seria “campino até morrer”, no trajar e no saber, todos dizem.



HERDADE DE CAMARATE 163 ANOS DE HISTÓRIA

A GANADARIA DO TOIRO PRETO, DE RABO COMPRIDO E INVESTIDA SUAVE

É uma das mais antigas ganadarias portuguesas. A “Herdade de Camarate”, cuja antiguidade é 4 de setembro de 1859, completa 163 anos em 2022. O seus 475 hectares estendem-se pelos concelhos de Benavente e Vila Franca de Xira (na Lezíria Sul vila-franquense, nas chamadas “Terras de Saragoça”), muito perto da Ermida de N.ª Senhora de Alcamé.

Ganadeira portuense lidera gestão da herdade

A vertente florestal é a atividade principal da “Herdade de Camarate”, nos campos da qual são criados atualmente cerca de centena e meia de exemplares de gado bravo, um terço dos quais são vacas reprodutoras.

Um património gerido por Maria Margarida Santos que, desde 2019, partilha a propriedade da herdade com o irmão, Fernando Santos (no seguimento de herança de seus pais).

Maria Margarida Santos é uma portuense com o coração no Ribatejo. Encantou-se bem cedo pela atividade da herdade: “Gosto de tudo o que tenha a ver com o campo... os toiros, as vacas, o maneio... tudo.”, confia a ganadeira. “Nasci nisto. Para lhe dizer a verdade, quando nasci, passados 6 meses fui vacinada contra o tétano, o que não era normal, porque vinha para cá. E sempre tive problemas com o registo da vacina no livro, porque diziam que não podia ser.





Vim para aqui com 6 meses. Uma pessoa que vive na cidade... Quando vinha para cá nas férias, em setembro, chegava a agosto começava a cortar no calendário os dias que faltavam para vir para cá.”

Recorda que, em pequena, “se estivesse aqui e fosse preciso ir a Lisboa, visitar alguém, por exemplo, era uma dor de cabeça. Não queria sair de cá, nem por nada. E ainda hoje sou assim. Ir a Lisboa só por uma grande obrigação. Fora disso não saio de cá. Posso ficar aqui a semana inteira sem sair.”

Os toiros da Herdade de Camarate

“Toiros pretos e rabo comprido” são a imagem de marca da Herdade de Camarate. É a aposta da ganadeira que no geral considera os seus toiros bons para o toureio a pé e a cavalo: “são suaves no capote e na muleta e também costumam dar boas pegas. Não é aquele toiro que vai ao engano e que sacode com os forcados”, justifica.

Tudo fruto de um apurado trabalho de seleção dos animais e da entrega dos responsáveis confrontados nos últimos anos com uns quantos obstáculos: à pandemia da covid-19 juntaram-se as condições climatéricas adversas.

O gado bravo é alimentado preferencialmente com erva mas “com a seca, este ano é mais granulado do que erva. Há uma erva muito boa, que nasce na Primavera, que este ano não apareceu. A água foi pouca e a seguir



veio o calor. As pastagens estão fracas... E tudo o que é artificial, em termos de gado bravo, é complicado para a estrutura e resistência muscular. Embora aqui tenham sempre muito que andar e caminhar. Comem aqui, mas têm de ir beber longe. Têm de subir e descer. Têm de ser um bocadinho atletas, para quando chegarem à praça, não caírem. Isto não é nenhum frango de aviário!”

Depois de dois anos suspensos de atividade taumáquica, devido à pandemia por COVID-19, Maria Margarida Santos espera apresentar nas corridas que tem previstas, toiros com 5 anos de idade. Só em 2023 pensa “conseguir voltar à normalidade, já com toiros de 4 anos”.



Toiros no campo e toiros em praça

Maria Margarida Santos faz questão de acompanhar tudo a par e passo, do campo até à praça: “Quando eu não posso cá estar pergunto ao meu encarregado António como se comportaram, para eu já saber com o que é que vou contar. São reações que só a própria ganadeira e os campinos, que os conhecem, sabem distinguir”. Gostaria que os toiros que são selecionados para as praças saíssem todos bravos, mas sabe que é difícil: “No campo pode ser um toiro com determinadas características e depois entra na praça e altera-se. Eu gosto muito de os ver a carregar para a praça. Normalmente, nesse momento, não me enganam. Se começam a querer marrar nas portas e a ser teimosos, normalmente não é bom sinal. Agora quando eles entram às mil maravilhas, normalmente a coisa corre bem.”

O processo de tratamento é outro momento que ajuda a perceber o comportamento dos animais: “Nós

vemos quando os estamos a cuidar, até nas vacinas, os sossegadinhos são os melhores. Se eles começam ali a espernear, temos o caldo entornado. Parecem bravos,

“Toiros pretos e rabo comprido” são a imagem de marca da Herdade de Camarate.

mas não são. Não quer dizer que seja sempre assim, mas, por norma, estes momentos servem para os avaliar”.

Fala do gado bravo com paixão e as histórias sucedem-se, como a de um toiro que, era ela muito jovem “vinha



dormir à varanda todos os dias. Foi ensinado, era um cão de guarda, era um guarda e ia lá dormir à varanda. E de manhã voltava para o sítio dele.”

Casos de sucesso

Na história da ganadaria há casos de sucesso exemplar em praça.

Em agosto de 1966, nas primeiras corridas de toiros em Macau. Foram nove espetáculos realizados numa praça construída em bambú, onde atuaram David Ribeiro Telles, Manuel dos Santos e Ricardo Chibanga. A qualidade dos toiros levou David Ribeiro Telles a adquirir diversos exemplares, entre os quais alguns da ganadaria Herdade de Camarate.

A 4 de julho de 1996 foram corridos toiros da “Herdade de Camarate” em Mombeltrán (Espanha), tendo sido cortadas 5 orelhas. No mesmo ano, a 25 de agosto, foram cortadas 3 orelhas a exemplares da ganadaria em Añover de Tajo (Espanha).

Maria Margarida Santos tem também bem presente na memória uma outra corrida, perto de Bragança, onde atuou Ricardo Chibanga. “Tivemos um toiro excecional, que voltou para cá e depois ficou pai de muitos outros”.

163 anos de história... e o futuro?

Maria Margarida Santos é a atual gestora de uma ganadaria plena de história. Fá-lo com gosto e alegria, mas também com muito zelo, rigor e organização.

Alega que é precisa não só muita paciência, mas também muito saber: “Isto aprende-se ao longo da vida. E tem de se estar sempre em cima do acontecimento para tudo o que é preciso tratar.”

Se depender de si a Herdade é para manter. Inclusive tem planos de vir a alargar a criação do gado cavalari para o puro sangue Lusitano: “O futuro o dirá!”

Texto: Susana Santos

Fotografia: Vitor Cartaxo | João Machado



História da Ganadaria



Com antiguidade de 4 de setembro de 1859, na sua origem esteve Estevão António de Oliveira, na altura com o ferro “EO”. O seu filho, o Comendador Estevão António de Oliveira Júnior, veio a dar-lhe enorme impulso. Comprou as terras em volta da sua propriedade e, em poucos anos, todo o “Senhorio de Pancas” lhe pertencia. Com o domínio dos 12.000 ha de área, mudou a divisa (originalmente de cor branco e escarlate) para branco e verde e o nome da ganadaria para “Ganadaria de Pancas”. O símbolo da ganadaria tem uma coroa real por cima do “P”, por incluir reses de casta “Vasqueña” com origem nas “Reais Manadas” (mais tarde “Casa do Infantado”), nome pelo qual ficou conhecida a ganadaria fundada pelo Rei de Portugal, D. Miguel I, em 1830.

Estevão António de Oliveira Júnior foi um dos maiores lavradores de todos os tempos do Ribatejo, não só pela vastidão das suas terras, mas também como criador de toiros. As suas reses estiveram em corridas em Portugal e em Espanha. A ganadaria “Palha Blanco” formou-se também com reses adquiridas a esta ganadaria.

Com o passar dos anos a ganadaria passa de geração em geração, para filhos, netos e bisnetos.

Em 1950, na posse de Leonor Oliveira Santos e de Luís Delgado Santos dá-se uma alteração determinante na vida da ganadaria: é decidido eliminar todo o efetivo de origem “Vasqueña”, substituindo-o por vacas e sementais de “Oliveiras Irmãos” e, seguidamente,

sementais de Francisco do Santos “Alfaiate” e José Pedrosa. “Antes do meu avô, os toiros eram muito grandes e ninguém os queria tourear. Ele alterou então os efetivos. Comprou uma ponta de vacas nos Oliveiras e, daí, recomeçou a ganadaria”, explica a atual ganadeira.

Em 1971 a ganadaria passa a ter o nome de “Herdade de Camarate”, mantendo ferro e divisa, sendo introduzidos sementais de Rio Frio e David Ribeiro Telles.

Desde 2019 que a ganadaria é pertença exclusiva dos netos de Leonor Oliveira Santos e de Luís Delgado Santos – Fernando Gonçalves de Azevedo Santos e Maria Margarida Gonçalves de Azevedo Santos –, sendo a sua gestão acompanhada mais de perto por esta última.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS “ABRE-MAX”

[Tertúlia em destaque]

Num emblemático palco de confraternização, o Largo Telmo Perdigão, encontramos, na porta n.º 3, a Associação dos Amigos “Abre-Max”. Luís Capucha, um dos fundadores e atual Presidente da Direção, falou-nos das origens desta tertúlia.

Procurar a génese desta tertúlia é remontar aos primórdios da Escola de Toureio José Falcão que (fundada em 1984) viu constituída a sua Sociedade Gestora em 1996, composta pela Câmara Municipal, pela Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira e pelo Clube Taurino Vilafranquense. Neste último, Luís Capucha detinha, à data, o cargo de Presidente e, por conseguinte, era frequente acompanhar a Escola na sua deslocação às praças e eventos taurinos, no Alentejo profundo. As longas viagens proporcionavam repastos com muitos episódios bem-humorados e memoráveis, de quem partilha genuína amizade. Nesta altura, fosse em Barrancos, em Monsaraz ou na Aldeia da Luz, juntavam-

-se a Luís Capucha e Jacinto Fernandes, bandarilheiro e também dinamizador da Escola de Toureio, João Alexandre Salvador, Miguel Falcão, João Bacelar e João Carlos Brito. Contudo, no regresso destas viagens, sentiam a lacuna de um ponto de encontro para um prolongamento destas emoções. É que, procurar as raízes da “Abre-Max” é encontrar um grupo de amigos entusiastas da arte de viver e, sobretudo, do convívio pautado pela *afición*. Assim, em 1994, no outrora “Largo do Terreirinho”, num pequeno e recuperado lugar, tomou forma a tertúlia que, no quinto dia do ano de 1996, se constituiu como “Associação dos Amigos Abre-Max”. O nome, desengane-se, não tem segredo. Segundo explica Luís Capucha era o brinde com que celebravam os momentos: copo acima e exclamavam “Abre-Max”!

**... o lema é
“Divirtam-se!”**

Por volta de 1998, a sede passa para o n.º 3 do Largo, sempre no coração da Cidade, para um espaço maior, capaz de acolher mais gente neste saudável culto das relações de amizade. Ainda hoje, o lema é “Divirtam-se!” e, a comprovar a franca intenção e espírito destas reuniões, os fundadores elaboraram, há muitos anos, uma





Declaração de Princípios para os seus associados. Todos se comprometem, solenemente e, acima de tudo, a prezar a Tauromaquia, o Vinho e as Mulheres, no fundo, a ser um *bon vivant*.

Presença viva no roteiro das Tertúlias

Sócios contam-se, atualmente, cerca de 20, mas, à mesa, chegam aos 50, abrangendo diversas faixas etárias. Filhos e netos dos associados são assíduos neste espaço, já imbuídos dos encantos das tradições. Se aqui a atividade é costumeira, entre conversas, visionamento de corridas de toiros gravadas, jogos de cartas ou patuscadas, em tempo de festa, a tertúlia abre portas, estende-se para a rua e segue-se um autêntico corrupio. Seja para espreitar e entoar os fados ali cantados, vibrar com a atuação dos grupos de dança de sevilhanas ou para o comungar da paixão pela Festa Brava, todos os que desejam entrar são bem-vindos. Aqui, o tempo esquece-se. Momentos houve, recorda-se Luís Capucha, em que a tertúlia recebeu algumas figuras mais mediáticas das áreas de teatro e música, como Ruy de Carvalho e Carlos

Alberto Moniz e, quem passava na rua, apercebendo-se, aproveitava o ensejo do convívio para entrar. Podiam ficar pelos cumprimentos, mas, por estarem na nossa Festa, passavam a amigos e por ali ficavam, ou não fosse a chancela de Vila Franca de Xira o bem receber.

Em maio deste ano contribuíram, como não podia deixar de ser, para a programação sob o lema “90 Anos, 90 Dias, 90 Horas” – Colete Encarnado, com encontros na Tertúlia, que abordaram a presença da figura do Campino na literatura e, ainda, a Educação e a Festa Brava.

O primeiro fim de semana de julho é, por excelência, o momento mais intenso de atividade. Três dias que a voracidade do tempo leva, deixando, contudo, memórias especiais, como aquele burburinho tão familiar, os sons que reconhecemos dos dias e noites de Colete Encarnado. A sardinha assada, o vinho e a música marcam presença nesta Festa que faz do Largo Telmo Perdigão uma extensão da tertúlia e uma paragem obrigatória por esta altura.

Em outubro volta a agarrar a tradição com orgulho, para celebrar a centenária Feira Anual. O espírito festivo corre, novamente, pelas ruas e a “Abre-Max” toma lugar nesse roteiro com todo o fulgor.

Espólio celebra Vila Franca de Xira

Povoadas de lembranças e vivências da cultura tauromáquica, as paredes estão forradas de gravuras, desenhos, pinturas e fotografias, o objeto de coleção que sobressai. Podemos ver, inclusive, os estudos de imagem que levaram ao logótipo criado para a tertúlia e que, pintado num azulejo, nos recebe à soleira da porta.

Emolduradas, para memória futura, estão imagens dos célebres fins de semana na Aldeia da Luz e noutras paragens, onde se comprovam os sorrisos abertos do grupo dos fundadores.



Diversas peças de motivo taurino e património do Concelho representado de inúmeras formas, como as reproduções dos azulejos presentes na Estação dos Caminhos de Ferro e no Mercado Municipal, integram o espólio desta casa. A sua decoração dá nota de uma verdadeira celebração da cidade de Vila Franca de Xira e de tudo o que ela encerra, uma ode ao seu património, história e tradições. Conseguem-se identificar fotografias de quatro décadas em esperas de toiros e a Virgem Macarena, padroeira dos toureiros, é o único motivo religioso exposto. Três gravuras, também representativas do edificado da Cidade, são intituladas como as primeiras peças da “Abre-Max”.

Por cima da lareira, como se da parede saísse, num trabalho de arte urbana pintado pelo artista Vila-Franquense Vile (Rodrigo Sepúlveda Nunes), vemos exposta uma cabeça de toiro embalsamada, proveniente de uma corrida com António João Ferreira, o primeiro matador de toiros formado pela Escola de Toureio José Falcão.

Na biblioteca incrementada ao longo dos tempos, onde vários títulos prendem a atenção de qualquer apreciador do universo tauromáquico, destaca-se o livro do Matador de Toiros José Júlio, cujo alinhamento se foi compondo ali, na mesma mesa testemunha de almoçadas e conversas tertulianas. Luís Capucha recorda, com um sorriso saudosista, as semanas em que, em conjunto com José Júlio, ali separaram dezenas de fotos e de artigos de imprensa, de forma a conseguir a melhor seleção, capaz de fazer jus ao Maestro na publicação sobre a sua vida.

Nada aqui está por um acaso. Todos os objetos encerram em si um significado, uma história, um valor afetivo ou mesmo um cruzamento de todos estes motivos.

Património tauromáquico: um potencial turístico

Esperam que a Casa perdure no tempo e na família de cada associado, numa passagem de testemunho, em que a vontade de aprimorar as relações de amizade, num ambiente castiço, os mova. Afinal, “as tertúlias são feitas de pessoas”, defende Luís Capucha, quando falamos da

essência e relevância destes espaços. “Pela sua peculiaridade e potencial devem constituir-se, em Vila Franca de Xira, como um forte recurso turístico, por exemplo, num programa de visitas que possa ser implementado e apoiado de forma séria. Beneficiando de alguns apoios Municipais”, propõe, “funcionaria como que uma devolução aos Municípios, na forma de investimento nesta vertente cultural, que valoriza a nossa identidade e acaba por dinamizar a economia”. Defende a exaltação do privilégio de “possuirmos estes espaços, sobre o qual a Associação das Tertúlias Tauromáquicas, o Grupo de Forcados Amadores e o Clube Taurino Vilafranquense, entidades representativas e emblemáticas no contexto tauromáquico, podem e devem atuar”.

O mesmo evidencia para o desejo de um grande Museu da Tauromaquia, que incida numa vertente pedagógica, uma narrativa sobre o sentido da festa e não apenas uma mera mostra de objetos. Vila Franca de Xira “tem já a possibilidade de se impor como um museu tauromáquico a céu aberto: a Praça de Touros, a estatuária taurina e as tertúlias devem pertencer a este projeto”, que se exige educativo, proporcionado com enquadramento, afirma o representante da Abre-Max e primeiro subscritor da candidatura da Tauromaquia a Património Cultural Imaterial de Portugal.

Num arrebatamento pela defesa dos excecionais recursos existentes nesta componente identitária diz-nos, ainda, que gostaria de “ver passar o Colete Encarnado por inteiro, isto é, com corridas de toiros incluídas”, na respetiva candidatura a Património Cultural Imaterial em curso. Constituir-se como uma das “7 Maravilhas da Cultura Popular” e celebrar 90 Anos desde a sua primeira realização, não muda nada na paixão destes associados pela Festa Maior. “Dá notoriedade à própria Festa e ao Município”, o que é muito positivo, mas é algo que já ocupa a totalidade do coração destes Vila-Franquenses.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotografia: Inês Tomás | Carina Luís (estagiária)

“as tertúlias são feitas de pessoas”





CARPINTEIRO COORDENA PREPARAÇÃO DAS VIGAS

CARLOS JOSÉ: SÓ AS MELHORES PEÇAS DE MADEIRA VÃO PARA AS TRONQUEIRAS

É com satisfação que Carlos José se empenha, em boa parte do ano, na preparação das vigas de madeira que vão para as ruas da cidade, para as esperas de toiros. As peças são analisadas ao pormenor e tudo é cuidadosamente organizado para que a montagem seja bem feita.

Carlos José Piedade Oliveira Henriques é o carpinteiro da Câmara Municipal que cuida de uma das vertentes de maior presença nas ruas da cidade: as tronqueiras.

Ele é o responsável pela equipa que, durante o ano, executa, pinta, numera e ordena as vigas de madeira para que, na altura de preparar tudo para as esperas de toiros nas ruas, as tronqueiras sejam colocadas.

Em cada edição as peças são cuidadosamente observadas relativamente ao seu estado – tudo o que seja sinais de fragilidade é posto de lado e só as peças que melhor se apresentam são escolhidas e tratadas para as ruas. “Quando alguma não está em condições tem de ser substituída e entram novas”, explica.

Aos 58 anos, e com 34 de serviço na Câmara Municipal – já perto da reforma – espera que a continuidade possa ser assegurada, para que o trabalho continue a ser feito com o zelo com que se pratica e para que as esperas continuem a realizar-se com as melhores condições de segurança possíveis.

Texto: Susana Santos

Fotografia: Vitor Cartaxo





EXPOSIÇÃO

**1 JUL /
/ 9 OUT'22**

**COLETE
ENCARNADO**

**FUNDAÇÃO
DO GRUPO
DE FORCADOS
AMADORES
DE VILA FRANCA
DE XIRA**

90 ANOS DE EMOÇÃO



FEIRA ANUAL DE OUTUBRO

41.º Salão de

ARTESANATO

30 set a 9 out'22

Parque Urbano . Pavilhão Multiusos

VILA FRANCA DE XIRA



CM-VFXIRA.PT